

A ludicidade na iniciação musical da primeira infância

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Cláudia Jaqueline de Souza Siufi

Universidade de São Paulo – claudiasiuft@gmail.com

Silvia Maria Pires Cabrera Berg

Universidade de São Paulo – silviaberg@usp.br

Resumo: Baseado nas propostas de François Delalande e suas interfaces com teóricos como J. Piaget, G. Brougère, C. Luckesi e E. Morin, este paper apresenta a proposta do conceito e função de ludicidade na iniciação musical da primeira infância. Por ludicidade entendemos o desenvolvimento da criatividade e dos conhecimentos através de jogos, música, dança, brinquedos e brincadeiras, tendo a invenção musical e a *performance* como resultantes da totalidade do processo educacional de iniciação musical na primeira infância.

Palavras-chave: Ludicidade. Infância. Processo educativo. François Delalande. Invenção musical e *performance*.

Ludicity in Musical Initiation of Early Childhood

Abstract: Based on François Delalande's proposals and his interfaces with such theoreticians as J. Piaget, G. Brougère, C. Luckesi and E. Morin, this paper presents the proposal of the concept and function of ludicity in early childhood musical initiation. By ludicity we mean the development of creativity and knowledge through games, music, dance, toys and games, with musical invention and performance resulting from the totality of the educational process of musical initiation in early childhood.

Keywords: Ludicity. Childhood. Education process. François Delalande. Musical invention and performance.

1. Introdução

A palavra ludicidade relaciona-se ao desenvolvimento da criatividade e dos conhecimentos através de jogos, música, dança, brinquedos e brincadeiras. Oriunda do latim, a palavra *ludus* refere-se ao jogo, ao divertimento. Em sua obra *Homo Ludens*, Huizinga abrange muitas funções do jogo para a vida e o desenvolvimento humano.

Mesmo em suas formas mais simples, ao nível animal, o jogo é mais do que fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido. (HUIZINGA, 1971, p. 3-4) [...] O jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos. O conceito de jogo deve permanecer distinto de todas as outras formas de pensamento através das quais exprimimos a estrutura da vida espiritual e social. (HUIZINGA, 1971, p. 10)

Muito mais do que jogo e brincadeira, as atividades lúdicas podem ser consideradas um espaço para a criação e interação cultural e social. Exigindo uma

predisposição interna, é por meio da ludicidade que o indivíduo mergulha em si mesmo e entrega-se à fruição, compartilhando suas experiências e vivências pessoais, integrando o pensamento, o sentimento e a ação. A ludicidade traz a ideia de que o mais importante não é apenas o resultado da atividade, mas a ação em si e o momento vivido.

2. A atividade lúdica como ação libertadora e de interação social

Consideradas atividades que se executam por si mesmas e não pela finalidade a que se propõem, o jogo e a brincadeira não são apontados como essenciais ou “necessários” assim como aquelas operações que constituem o trabalho. Elas são escolhidas por si mesmas e se aproximam à virtude e à felicidade, muitas vezes associadas à infância.

Um dos primeiros pesquisadores a contemplar a infância como fase fundamental na formação do indivíduo, Friedrich Fröebel, educador alemão, considerava a brincadeira importante fator de aprendizagem e desenvolvimento. Segundo ele, “A brincadeira infantil não é um passatempo: as disposições futuras do homem, tanto em relação às coisas, como em relação aos outros homens, formam-se na primeira infância através do ludismo.” (FROEBEL apud ABBAGNANO, 2007).

A atividade lúdica proporciona ao indivíduo uma sensação de liberdade, um estado de plenitude e total entrega para esta vivência e é por meio desta que a interação entre saberes acontece de forma integrada. A criança brinca, joga, discute, cria e encontra soluções para os problemas que surgem durante o aprendizado. “Brincar, jogar, agir ludicamente, exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo. A atividade lúdica não admite divisão.” (LUCKESI, 2000, p. 21) É no brincar que a criatividade se desenvolve possibilitando ao sujeito a utilização de sua personalidade integral e, sendo criativo, o indivíduo tende a descobrir-se a si próprio.

Brougère (1998) considera o brincar e a noção de jogo fatos sociais e espaços de criação e enriquecimento cultural onde a brincadeira livre ganha a importância como um fim em si mesmo. A cultura lúdica se torna um acúmulo de experiências desde bebê onde a interação social acontece e é alimentada pela cultura de um modo geral.

Sendo a atividade lúdica também considerada uma forma de aprendizado social, as ideias de Brougère (1998) se entrelaçam com proposições da teoria da complexidade de Edgard Morin (2011), no sentido em que Morin nos apresenta o pensamento complexo como um modelo de pensar que une, religa e cria novas organizações e formas de socialização do conhecimento. Morin (2011) afirma que o mundo é um todo indissociável em que “as partes se encontram no todo e o todo se encontra em cada uma das partes”.

“Todo desenvolvimento verdadeiramente humano, consiste para o autor, no desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.” (MORIN, 2011, p. 49) A “Compreensão Humana”, segundo Morin, pressupõe que sejamos ensinados a compreender-nos uns aos outros a partir da compreensão de nós mesmos.

3. A ludicidade como processo educativo musical

O processo evolutivo do indivíduo acontece através de estágios de desenvolvimento determinados por períodos relacionados a diferentes faixas etárias (PIAGET, 1978). Cada fase é caracterizada por formas de organização mental e sugere uma relação com o jogo. Piaget acredita que a atividade lúdica seja o berço das atividades intelectuais da criança, portanto, uma prática indispensável ao processo educativo. Neste contexto, apresenta o jogo sensório-motor, o jogo simbólico e o jogo de regras como atividades correspondentes aos estágios do desenvolvimento.

Como citado por Kishimoto (2011) Piaget concebe a brincadeira enquanto processo assimilativo participando do conteúdo da inteligência e da aprendizagem. “Para o autor, ao manifestar a conduta lúdica, a criança demonstra o nível de seus estágios cognitivos e constrói conhecimentos.” (KISHIMOTO, 2011, p. 36).

François Delalande (2013) relaciona os jogos de Piaget com as fases de desenvolvimento do aprendizado musical partindo da exploração sonora à criação e *performance*:

- jogo sensório-motor – vinculado à exploração do som e do gesto;
- jogo simbólico – vinculado ao valor expressivo e à significação mesma do discurso musical;
- jogo com regras – vinculado à organização e à estruturação da linguagem musical. (DELALANDE apud BRITO, 2003, p. 31)

Delalande propõe uma ideia de pedagogia musical concebida sob a ótica de uma abertura para os aspectos mais universais da música. Ele propõe uma busca interior que vem da criança e sua inter-relação com o sonoro.

A pedagogia musical a que nos referimos se propõe conduzir a criança do descobrimento e exploração de fontes sonoras, à invenção e à criação. No transcurso deste caminho, ela aprenderá a construir uma sequência com sons, a expressar-se

através deles, a escutar, a exercitar-se em fazer e ouvir. (DELALANDE, 2013, p.151; tradução nossa)¹

Delalande relaciona os primeiros ensaios sonoros da criança com a fase do jogo sensório-motor apresentado por Piaget. A criança faz experimentações com o material sonoro que possui, sem uma preocupação de orientação estética de seus descobrimentos. Já o jogo de construção vem como um prolongamento do exercício sensório-motor, agora já enriquecido pelo interesse que a criança apresenta pelo simbólico e por certo gosto pela regularidade. Neste estágio “estamos muito perto do processo de invenção musical - e, sem dúvida, da arte em geral.” (DELALANDE, 2013, p. 124).

Delalande classifica a sequência do jogo de construção musical em quatro momentos que se sucedem:

1. Exploração: Colocado diante de um material novo, a criança manipula um pouco ao acaso os elementos, examinando suas propriedades.
2. Descobrimeto: Aparece de modo repentino uma configuração que capta sua atenção, porque evoca algo conhecido (uma casa) ou porque possui uma regularidade geométrica particular (por exemplo, um empilhamento de objetos).
3. Projeto: A criança se sente desafiada à tarefa de completar a figura que apareceu.
4. Realização: Daí em diante a execução segue o projeto (inclusive se troca em tempo real, integrando as novas descobertas) e esta regra de conduta determina a regularidade da construção. (DELALANDE, 2013, p. 124)

Para Delalande esta descrição em quatro etapas se aplica a uma estratégia de composição musical efetiva e muito próxima ao trabalho de um músico concreto. Segundo Delalande, as sequências sonoras que as crianças de menos de seis anos produzem, ainda estão muito marcadas pela exploração das fontes ou pelo desejo de simbolizar diretamente uma cena. Já a preocupação em organizar a música para lhe dar uma forma, surge mais tarde, quando o respeito à regra domina o jogo da criança.

[...] o jogo simbólico permite à criança, desde o segundo ano de vida, mas, sobretudo entre os três ou quatro anos, utilizar o som com a finalidade de representação e de expressão - sem que por isso o exercício sensório-motor desapareça; o jogo de regras que favorece sobretudo entre os cinco e seis anos, o interesse pelas combinações sonoras, as regras formais e a distribuição de papéis no jogo coletivo. É uma sucessão de interesses tão fortes na criança que seria absurdo não fazer disso o ponto de apoio de uma pedagogia musical. (DELALANDE, 2013, p. 157; tradução nossa)²

De maneira investigativa e exploratória, a criança produz e faz música desde sempre. Há pesquisas que indicam o balbúcio dos bebês como as primeiras experiências sonoras a partir interação com seu próprio corpo. “Antes de ser exclusivamente mental, a recepção da música é em primeiro lugar, corporal.” (DELALANDE, 1995, p.62). Enquanto cresce, estas experiências se intensificam ampliando o seu repertório de sons.

Ao longo do caminhar da infância e como consequência de sua relação com o ambiente, as crianças criam ideias de música e constroem seu fazer musical. Brito (2004) afirma que

A criança é um ser brincante e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, ‘transforma-se em sons’. Num permanente exercício, receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, ‘descobre instrumentos’, inventa e imita motivos melódicos e rítmicos. (BRITO, 2004, p. 35)

Compreendendo que a inter-relação da criança com a música se dá por meio da ludicidade se faz importante uma reflexão da prática nas aulas de iniciação musical para a primeira infância. Desde a exploração sonora partindo da própria voz até chegar aos instrumentos, é por meio da liberdade de ação que o lúdico propõe à criança uma experiência plena para a construção de seu próprio fazer musical.

Sendo a voz o primeiro instrumento reconhecido pela criança, o trabalho musical pode ser iniciado a partir de exploração de sons vocais e corporais para então chegar a outras fontes sonoras. Brincar com seu corpo e sua própria voz traz segurança e oferece autonomia às crianças pequenas.

Partindo para outra etapa, a exploração de diferentes fontes sonoras não se restringindo a instrumentos musicais permite à criança um desenvolvimento da criatividade

por meio da ampliação de repertório sonoro. Brincar com materiais diversificados e suas possibilidades sonoras abre caminho para as futuras construções musicais.

Já com melhor domínio de movimentos e maior repertório sonoro, a criança começa a buscar uma organização sonora tanto para a invenção musical quanto para a *performance*. É nesta fase que a criança começa a perceber que a linguagem musical apresenta regras determinadas e um novo modo de ouvir e de se expressar se estabelece.

Conclusão

A ideia de ludicidade, reforçada pela interação social, é plena, quando o processo é mais importante do que o resultado. A ação lúdica em si e o momento vivido permitem que o indivíduo mergulhe em si mesmo entregando-se à fruição, de forma a compartilhar suas experiências e vivências pessoais, integrando o pensamento, o sentimento e a ação. Muito além do que jogo e brincadeira, as atividades lúdicas podem ser consideradas um espaço para a invenção, *performance* e interação cultural e social.

A troca de saberes, informações e conhecimentos adquiridos ao longo das atividades lúdicas permite um jogo de tramitação, enriquecendo as partes envolvidas e fortalecendo as relações sociais.

O fazer musical da criança pode e deve ser permeado por atividades lúdicas de forma que o conhecimento seja construído por meio da exploração e organização sonora envolvendo situações de aprendizagem significativas que incluam exploração, invenção, elaboração de hipóteses, descobertas e questionamentos para se chegar à *performance*.

Neste sentido, a prática educativa musical deve se atentar ao processo evolutivo de desenvolvimento da criança tanto nos aspectos sociais quanto cognitivos para que todas as etapas sejam respeitadas e estimuladas a fim de que a criança atinja de forma integral todos os objetivos propostos.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ª. ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Mestre Jou, 2007.

ASSIS, Orly Z. Mantovanni de. O jogo simbólico na teoria de Piaget. *Pro-posições*, Campinas, v. 5 n.1 [13], p. 99-108, 1994. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/viewFile/8644339/11758> Acesso em: 29 mar 2017.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil*: propostas para formação integral da criança. 2ª ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BROUGÈRE, Gilles. *Jogo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DELALANDE, Fraçois. *La música es un juego de niños*. Buenos Aires: Ricordi, 1995.

_____. *Las Conductas Musicales*. Santander, Editorial de la Universidad de Cantabria, 2013.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*: O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LEAL, Luiz Antônio Batista; D'Ávila, Cristina Maria. A Ludicidade como princípio formativo. *Interfaces Científicas – Educação*, Aracaju, v.1, n.2, p. 41-52, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/395/236>> Acesso em: 29 mar 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Educação e Ludicidade*. In. LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) *Ludopedagogia – Ensaios 1: Educação e Ludicidade*. Salvador: Gepel, 2000.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. Eliane Lisboa . 4. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

_____. *Os sete saberes necessários à educação*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya . 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Notas

¹ La pedagogía musical a la que nos referimos se propone conducir al niño del descubrimiento y la exploración de fuentes sonoras a la invención y la creación. En el transcurso de este camino, él aprenderá a construir una secuencia con los sonidos, a expresarse a través de ellos, a escuchar, a ejercitarse en hacer y en oír. (DELALANDE, 2013, p. 151)

² [...] el juego simbólico que permite al niño, desde el segundo año de vida, pero sobre todo hacia los 3 ó 4 años, utilizar el sonido con fines de representación y de expresión (sin que por ello el ejercicio senso-motor desaparezca); y el juego de reglas que favorece, sobre todo hacia los 5 ó 6 años, el interés por las combinaciones sonoras, las reglas formales y la distribución de roles en el juego colectivo. Es una sucesión de intereses tan fuertes en el niño que sería absurdo no hacer de ello el punto de apoyo de una pedagogía musical. (DELALANDE, 2013, p. 157)